

# Do faxinal à cidade: migração e desterritorialização - Irati/PR: 1970-1980.

Ancelmo Schörner<sup>1</sup>

Atualmente, o empenho de cientistas pertencentes a várias áreas do conhecimento na investigação e no reconhecimento legal dos grupos marginais apresenta-se como desafio aos historiadores da cultura. Parece que, em nenhuma outra época, se falou tanto sobre o tema e se estudou tanto estes grupos classificados, ainda, como excluídos da história<sup>2</sup>. Este tratamento, que envolve sua marginalização social e histórica, deve-se à aplicação de esquemas teóricos gerais e globalizantes que implicam a negligência e até mesmo o menosprezo a respeito das peculiaridades, das características e das singularidades que nos permitem identificá-los como objetos de estudo, desconsiderando, ademais, sua cultura.

Sob tais categorias abriga-se a diversidade de grupos e tipos de povoamento existentes em determinado território ou país, marginalizados socialmente e, diga-se, ao mesmo tempo, que foram até recentemente pouco considerados nas políticas de escrita. No caso do Brasil, abrangem, por exemplo, os indígenas, os remanescentes de quilombos, os caiçaras, os açorianos, os babaçueiros, os caboclos, os caipiras, os sertanejos, as quebradeiras de coco, os pantaneiros, os jangadeiros, os pescadores artesanais, os seringueiros e os faxinalenses<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNI-CENTRO - Campus de Irati/PR. E-mail: [ancelmo.schorner@terra.com.br](mailto:ancelmo.schorner@terra.com.br)

<sup>2</sup> CAMPIGOTO, José Adilçon. *Os Faxinais na Região de Irati: História e Cultura*. Mimeo., s/e., 2007.

<sup>3</sup> Idem, p. 1.

Chama-se Sistema de Faxinal a um modo de utilização das terras em comum, existente na região Sul do Brasil, para a criação de animais e que se tem classificado como manifestação cultural pertencente à categoria dos povos tradicionais: forma própria de uso e posse da terra, o aproveitamento ecológico dos recursos naturais - pinhão, guabirobas, araçás, pitangas e jabuticabas -, o cultivo da vida comunitária e a preservação de memória comum<sup>4</sup>. Os estudiosos do assunto apontam que o sistema Faxinal constitui-se como acontecimento singular por causa de sua forma organizacional. Distingue-se tal sistema dos outros pelo uso coletivo da terra para a criação de animais. O caráter coletivo se expressa na forma de criadouro comum<sup>5</sup>.

Para alguns, como Davi Carneiro, quando a cultura de determinado grupo não está suficientemente desenvolvida, sendo ainda amorfa, a influência do meio geográfico torna-se o fator determinante. A influência do meio físico se faz decisiva uma vez que costumes novos vão sendo adotados em substituição às tradições debilitadas por falta de cultivo. Ele resume a história do Paraná a partir deste aforismo, indicando que o meio físico constituiu-se como o fator mais determinante na compleição da alma paranaense, desde os começos<sup>6</sup>.

Tal situação influía na formação do homem habitante desta região “[...] fazendo dele espontaneamente um lerdo, um preguiçoso<sup>7</sup>”. Sujeitos modestos, bondosos, desambiciosos, tolerantes, inteligentes, dignos, mas lerdos, preguiçosos e sem cultura habitavam a região considerada como a mais miserável do Paraná, desde pelo menos o início de década de 1940. Mais do que moldar o caráter de algumas gerações, o

<sup>4</sup> CAMPIGOTO, José Adilçom. *Representações sobre cultura na região de Irati*. Mimeo, s/e., 2008, p. 21.

<sup>5</sup> CHANG, M.Y. *Sistema Faxinal - uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro Sul do Paraná*. Rio de Janeiro: 1985. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de História da UFRJ.

<sup>6</sup> CAMPIGOTO, op. cit., 2008, p. 7.

<sup>7</sup> CARNEIRO, Davi. *História psicológica do Paraná*. Curitiba: Edição do Dr. Dicesar Plaisant, 1943, pp. 35-37.

meio teria imprimido sua marca original no caráter do povo paranaense<sup>8</sup>.

Sob este olhar, evidentemente, o Sistema de Faxinal representa o polo oposto do espaço da cultura na perspectiva historiográfica que constrói imagens do Paraná desenvolvido, onde o interior, o Faxinal, a roça, o “matão” foram se definindo como espaço marginal, onde o lugar e a condição se mesclaram, passando a constituir uma só zona de opacidade no tecido social.

É desse espaço, e dessa situação, que saem os faxina-lenses em direção a Irati.

Na literatura demográfica há uma razoável unanimidade sobre o caráter inacabado de uma teoria capaz de abarcar na totalidade a complexidade da migração. O tratamento sistemático das migrações tomou significativo impulso no final do século XIX, com o aparecimento de dois artigos escritos por Ernest George Ravenstein<sup>9</sup>. A busca de um referencial explicativo para a compreensão das tendências migratórias e de realocização espacial da população dos Faxinais poderia levar à já conhecida trajetória percorrida no âmbito dos estudos populacionais que conduz às formulações propostas por Ernest George Ravenstein através de suas leis de migração<sup>10</sup> e aos posteriores avanços prescritos por Everett S. Lee, que

---

<sup>8</sup> CAMPIGOTO, op. cit., 2008, pp. 8-9.

<sup>9</sup> Os artigos de Ravenstein receberam o mesmo título: *The laws of migration*; o primeiro foi publicado em junho de 1885, no *Journal of the Royal Statistical Society*, vol. XLVIII, n.º. 2; o segundo apareceu em junho de 1889, no mesmo jornal, vol. LII, n.º. 2.

<sup>10</sup> Os pontos mais interessantes das “Leis” de Ravenstein são: 1) existe correlação inversa entre o volume de migrações de uma região a outra e a distância que as separa; 2) as migrações realizam-se por estágios, sendo que os primeiros a serem atraídos são os habitantes das regiões mais próximas; 3) os nativos do meio rural são mais propensos a migrar do que os que nascem nas cidades; 4) predominância do sexo feminino nas migrações de curta distância; 5) tendência a aumentar a mobilidade da população, em virtude da melhoria dos meios de transporte e do desenvolvimento industrial e comercial; 6) o desejo de melhorias materiais, inerente à maioria das pessoas, é o principal fator explicativo das migrações (MATA, Milton, CARVALHO, Eduardo Werneck e CASTRO e SILVA, Maria Thereza. *Migrações internas no Brasil: aspectos econômicos e demográficos*. Rio de Janeiro: IPEA, 1973, p. 15, citando LEE, Everett S. *Migration*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969, p. 283).

desembocam na clássica associação entre deslocamentos populacionais e fatores de expulsão e de atração presentes nos locais de origem e de destino dos mesmos.

O caso da teoria da migração de Everett S. Lee é paradigmático desse tipo de formulação. Retomando, 80 anos depois, as propostas de Ernest George Ravenstein, ele amplia o leque de evidências empíricas e incorpora informações a respeito dos movimentos internos emergentes nas sociedades de desenvolvimento capitalista tardio. Na generalização pretendida, a decisão de migrar está sempre vinculada a uma escolha racional entre os fatores positivos e negativos nas áreas de origem e nas áreas de destino dos fluxos migratórios, mediatizados pela maior ou menor força dos chamados fatores intervenientes entre essas duas áreas.

A vertente mais atualizada e consistente dessas proposições no Brasil encontra-se no encaminhamento dado à questão por Paul Singer<sup>11</sup>, que parte da premissa básica de que a migração é um processo social, determinado historicamente, segundo causas estruturais de fundo econômico<sup>12</sup>. Nas economias capitalistas, os processos de industrialização, ao atuarem sobre o rearranjo espacial das atividades econômicas, determinam em última instância a redistribuição espacial da população. Contudo, essas conexões estão condicionadas a contextos históricos concretos e a mecanismos institucionais de promoção do desenvolvimento industrial, em que a lógica da concentração do capital orienta a própria lógica da concentração espacial das atividades econômicas, uma vez que as empresas usufruem dos efeitos de aglomeração mediatizados pelos arranjos institucionais que desoneram os capitais e favorecem o processo de acumulação. Nesta situação, são criados desequilíbrios regionais que operam como motor principal das migrações internas.

---

<sup>11</sup> SINGER, Paul. *Economia política da urbanização*. 2ª. ed., São Paulo: Contexto, 2002.

<sup>12</sup> MAGALHÃES, Marisa Valle. *O Paraná e as migrações - 1940 a 1991*. Belo Horizonte: 1996. Dissertação. (Mestrado). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG, p. 3.

Assim, costuma-se caracterizar os deslocamentos populacionais pela atração que algumas regiões exerceriam em relação a outras. Teríamos, de acordo com esse modelo, fatores e/ou áreas de expulsão de um lado e, de outro, fatores e/ou áreas de atração, cabendo a estas últimas o papel predominante na decisão de migrar. Os fluxos migratórios poderiam ser assemelhados a grandes rios cujas águas são inevitavelmente atraídas para o mar, o qual exerce poder de atração com a força de verdadeiro imã. Nesta visão dualista, o local de destino, representado pelas luzes da cidade, e não tanto as coordenadas históricas da região de origem, é que constituiria a razão primeira da migração<sup>13</sup>.

Os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: fatores de mudança, que decorrem da introdução de relações de produção capitalistas nestas áreas, a qual acarreta a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo por objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a conseqüente redução do nível de emprego, e fatores de estagnação<sup>14</sup>, que se manifestam sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável

---

<sup>13</sup> A análise de Paul Singer afastou, de imediato, a dimensão subjetiva como fator explicativo, inserindo o movimento no processo de transformação global da sociedade; embora presente, o elemento motivação é circunscrito a partir de uma situação social gerada por fatores de estagnação ou fatores de mudança nas áreas de origem dos fluxos migratórios. Esses fatores, por sua vez, respondem a modalidades de inversão de capital e absorção de mão de obra, atingindo diferencialmente as classes sociais que preponderantemente se deslocam (PACHECO, Carlos Américo e PATARRA, Neide. "Movimentos migratórios anos 80: novos padrões?" In PATARRA et al. *Migração, condições de vida e dinâmica urbana*: São Paulo (1983-1993). Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 1997, p. 38).

<sup>14</sup> O conceito de estagnação econômica não reflete a complexidade da realidade agrária brasileira; no entanto, é adequado, quando devidamente utilizado, pois não se trata de 'estagnação econômica' da atividade agrícola, mas de estagnação de determinado tipo de produção ou de propriedade agrícola, que - apesar de não se estar extinguindo - tem limitadas as suas possibilidades de expansão, principalmente nas áreas de penetração mais intensiva de capitais (SANTOS, Regina Bega. *Migração no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997, p. 59).

como pela monopolização de grande parte da mesma pelos grandes proprietários<sup>15</sup>.

Do ponto de vista econômico, os fatores de mudança têm um sentido oposto aos de estagnação. Enquanto os primeiros fazem parte do próprio processo de industrialização, na medida em que este atinge a agricultura, trazendo consigo mudanças de técnica e, em consequência, aumento da produtividade do trabalho, os segundos resultam da incapacidade dos produtores em economia de subsistência de elevarem a produtividade da terra. Assim, se de um lado os fatores de mudança provocam um fluxo maciço de migração que tem por consequência a redução do tamanho absoluto da população rural, os fatores de estagnação levam à migração de parte ou da totalidade do acréscimo populacional devido ao crescimento vegetativo da população rural, cujo tamanho absoluto se mantém estagnado ou cresce apenas vagarosamente<sup>16</sup>.

Diante disso, temos que, se os fatores de expulsão definem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e as áreas às quais se destinam. Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, entendida não apenas como a gerada pelas indústrias, mas também a que resulta da expansão dos serviços, como os que são prestados por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos. De uma forma geral, interpreta-se esta demanda por força de trabalho como proporcionando “oportunidades econômicas”, que constituem um fator de atração na medida em que oferecem, em tese, uma remuneração mais elevada do que o migrante poderia receber na região de onde provém.

Não há dúvidas sobre a importância desse quadro socioeconômico como pano de fundo do processo migratório e do desenvolvimento capitalista brasileiro. Entretanto, em parte significativa dessas análises, a supervalorização

---

<sup>15</sup> SINGER, op. cit., p. 38.

<sup>16</sup> SINGER, op. cit., p. 40.

de fatores econômicos acaba por menosprezar o papel dos próprios migrantes enquanto agentes envolvidos nesse processo<sup>17</sup>. Em muitos estudos os migrantes são vistos apenas como cifras, como força de trabalho que se transfere passivamente das regiões menos para as mais desenvolvidas<sup>18</sup>.

Contudo, ao se analisar a migração como fenômeno sócio-político-econômico, a região de “origem” (Faxinal) e a região de “destino” (Irati) não são realidades estanques e nitidamente separadas, mas sim face e contraface da mesma moeda. Há entre elas correlação de forças, na qual a lógica do capital aprofunda o abismo existente . Então, não são propriamente as luzes da cidade que atraem os faxinalenses, mas a falta de reais condições de trabalho e de vida é que os leva a migrar.

É necessário pensar como migrante não apenas quem migra, mas o conjunto da unidade social de referência de quem se desloca. O fato de que quase toda nossa compreensão das migrações internas vem dos estudos demográficos e econômicos, que tratam do número de pessoas que migram, individualizam os migrantes e escamoteiam as unidades sociais efetivamente envolvidas no drama de migrar, como as famílias e as comunidades<sup>19</sup>. Por isso, é preciso pensar no deslocamento social que existe no interior do deslocamento espacial, pensar nos fatores propriamente sociais, culturais e políticos do processo.

A migração é um fenômeno interessante em si mesmo, e ela se constitui num importante aspecto no diagnóstico das estruturas sociais e econômicas das sociedades de origem e de recepção das pessoas. No afã de tentar explicar os moti-

<sup>17</sup> Além das motivações econômicas, sociais e políticas, é necessário considerar que as pessoas migram por motivos pessoais, subjetivos. Muitas vezes, determinadas situações familiares ou determinados tipos de temperamento levam algumas pessoas a migrar e outras não.

<sup>18</sup> FONTES, Paulo Roberto. *Comunidade operária, migração nordestina e lutas sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)*. Campinas: 2002. Tese (Doutorado em História). Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, p. 65.

<sup>19</sup> MARTINS, José de Souza. *A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais*. 2ª. ed., Petrópolis: Vozes, 2003, p. 142.

vos envolvidos na migração tem havido várias discussões. As classificações dos tipos de migração como expulsão- atração ou a ideia de subsistência ou melhoria de vida são formas úteis para análise, desde que nos lembremos das suas limitações conceituais. Para se ter uma melhor compreensão da construção do modo de vida que os migrantes estabelecem, é essencial sabermos as motivações e razões da opção por uma região específica<sup>20</sup>.

As questões teóricas que envolvem os movimentos migratórios têm lugar privilegiado na historiografia internacional na área de ciências humanas, pois o estudo desses movimentos possibilita a realização de um diagnóstico das estruturas econômicas e sociais das sociedades do passado, bem como nos ajudam a entender os deslocamentos atuais<sup>21</sup>.

Uma primeira leitura teórica é a de Wolfgang Köllmann e Peter Marschalck<sup>22</sup>, publicada em 1973. Esses autores consideram como fatores decisivos para o aparecimento de movimentos migratórios as condições econômicas e sociais do local de origem dos migrantes. Além disso, a direção e meta desses movimentos seriam determinados pelo fato de sabermos que teriam melhores chances de desenvolvimento econômico e social em outro local<sup>23</sup>. Em síntese, eles mostram que cada migração pode ser definida como um esforço para remover disparidades econômicas, sociais e mesmo culturais existentes entre as duas áreas.

Os referidos teóricos argumentam que as pessoas que partem, além de terem conhecimento da região de destino, também têm feito uma avaliação do local pelas suas próprias normas sociais, fazendo com que o ato de migrar seja resultante de uma tomada de decisão consciente,

<sup>20</sup> NODARI, Eunice Sueli. "Persuadir para migrar: a atuação das companhias colonizadoras" *Esboços*, Florianópolis, n.º. 10, 2002, p. 29, grifo nosso.

<sup>21</sup> NODARI, op. cit., p. 31.

<sup>22</sup> KÖLLMANN, Wolfgang e MARSCHALCK, Peter. *German emigration to the United States*. In FLEMING, Donald e BAILYN, Bernard (Orgs.). *Perspectives in American History*. Nova York: Harvard University Press, vol. VII, 1973.

<sup>23</sup> NODARI, op. cit., p. 30.

independente do tipo de motivação, para deixar a região. As motivações são classificadas, de acordo com os autores, em: ideológicas e/ou religiosas, pessoais e/ou econômicas, socioeconômicas e políticas<sup>24</sup>.

Uma segunda leitura teórica tem como organizadores Coltn G. Pooley e Ian D. Whyte<sup>25</sup>. A importância da leitura de seus textos reside na ênfase que dão à necessidade de formulação de certos questionamentos sobre os imigrantes e a natureza dos movimentos migratórios, que são feitos por todos os que estudam o fenômeno, como por exemplo: quantos migraram, quem, onde e por quê? Entretanto, essas questões básicas são só válidas desde que elas nos conduzam a outros pontos a serem investigados sobre os efeitos causados pela migração, tanto das áreas de origem<sup>26</sup>, como nas de destino dos migrantes<sup>27</sup>.

Os autores mencionados analisam a importância das estruturas socioeconômicas no estudo da imigração, mas têm diferentes perspectivas de abordagem. Köllmann e Marschalck, cujos estudos apareceram no auge do recrutamento de estrangeiros para a Alemanha para trabalharem como “trabalhadores convidados”, concentraram seus estudos nas motivações que levavam as pessoas a migrarem de uma região a outra. Pooley e Whyte, apesar de considerarem importantes essas motivações, preocuparam-se, principalmente, com os efeitos causados por essas migrações nas áreas de origem e de destino. O período em que seus estudos foram realizados coincidiu com o momento em que se intensificavam as preocupações sobre os efeitos das migrações contemporâneas na Europa e com o surgimento de movimentos se opondo à entrada de migrantes asiáticos, africanos e latino-

---

<sup>24</sup> NODARI, op. cit., p. 30.

<sup>25</sup> POOLEY, Coltn G. e WHYTE, Ian D. *Migrants, emigrants and immigrants: a social history of migration*. Londres: Routledge, 1991.

<sup>26</sup> A área de origem não é o lugar de onde provém determinado grupo de imigrantes, nem mesmo, necessariamente, o lugar onde se originou sua movimentação ou o seu lugar de nascimento. A área de origem de um fluxo migratório é aquela onde se deram transformações sociais, econômicas, políticas, religiosas que levaram os grupos sociais a migrarem.

<sup>27</sup> NODARI, op. cit., p. 30ss.

americanos, que, além de onerarem os cofres públicos, eram contratados como mão de obra barata, tirando a oportunidade de emprego dos habitantes dos países europeus.

Assim, os estudos sobre migração devem estar explicitamente relacionados a fatores como possibilidade de manutenção da cultura étnica e religiosa, prosperidade ou pobreza econômica regional, disponibilidade de terras, variações salariais e oportunidades de emprego, disponibilidade e custo dos transportes, possibilidade de informações através de familiares ou rede de amigos ou propaganda, barreiras sociais e culturais da língua e cultura que talvez tenham inibido o movimento e controle político no movimento de migração, haja vista que ela é um conjunto de práticas socioculturais que pode ser adotado quando problemas estruturais colocam pressão em uma família ou pessoa, levando-os a buscarem em outro lugar a possibilidade de modificarem esta situação.

A migração é um processo social, e seus motivos, embora subjetivos em parte, correspondem a características dos indivíduos: jovens podem ser mais propensos a migrar que adultos ou idosos, alfabetizados mais que analfabetos, solteiros mais do que casados. Além disso, se a unidade migratória deixa de ser o indivíduo para ser o grupo, também deixa de ter sentido investigar a migração como um movimento de indivíduos num dado período entre dois pontos, convencionalmente considerados como de “origem” e de “destino”.

Os deslocamentos espaciais de indivíduos e grupos configuram-se, pois, como momentos de crise e (re)construção de identidades. A trajetória do migrante é marcada pela reelaboração de seus referenciais identificatórios (traços socioculturais com os quais os sujeitos identificam-se e a partir dos quais se fazem reconhecidos como membros de um grupo) e envolve o questionamento de valores e de imagens de si e do outro<sup>28</sup>, o que produz identidades plurais, mas também

---

<sup>28</sup> SOBRAL, Germano Lestenes Alves. “Imagens do migrante nordestino em São Paulo” *Revista Travessia*, São Paulo, n.º. 17 (Imagens), set./dez./1993, p. 19.

identidades contestadas, em um processo que é caracterizado por grandes desigualdades<sup>29</sup>.

As representações sociais acerca da memória local coletiva ultrapassam os limites históricos, amparando-se nos valores e crenças construídos pelos discursos normativos e que os agentes locais consideram importantes<sup>30</sup>. Os migrantes não fazem parte desta história em sua origem, tempo, transcurso, memória ou em seu “passado”; não são, num primeiro momento, pensados pelos detentores da escrita e da história como parte integrante da memória da cidade. Assim, os faxinalenses apresentam um “desencaixe<sup>31</sup>” entre “tempo” e “espaço”<sup>32</sup>.

### **Migração e desterritorialização.**

A migração se apresenta como uma tentativa de melhorar de vida, de restabelecer o equilíbrio entre as necessidades socialmente definidas e a remuneração do trabalho. Assim como a migração é motivada por insatisfações que são sentidas, sobretudo na esfera econômica, ela é a possibilidade de vir a obter uma colocação satisfatória que preencha ou venha a preencher, pelo menos em parte, as aspirações do migrante, que condiciona todo o processo de integração na cidade, ou determina, ao contrário, o retorno à vida rural, ao Faxinal, situação que não passava pela cabeça de nossos entrevistados, notadamente Seu Américo.

<sup>29</sup> WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 21.

<sup>30</sup> ALMEIDA, Carina Santos de. *A representação juvenil do desenvolvimento regional: estudo de caso em Santa Cruz do Sul/RS*. Santa Cruz do Sul, 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade de Santa Cruz do Sul, p. 100.

<sup>31</sup> O desencaixe se refere ao “descolamento” “[...] das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo. [...] o desencaixe é a chave do distanciamento entre tempo e espaço (GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002, p. 24).

<sup>32</sup> Idem, p. 22-23.

Pois óia, eu sô meio birrento, teimoso né, eu achava que ficava feio pra mim voltá, agora, o pessoal lá ficava contente. Quando nós viemos nós deixemo bastante amizade, mais é um jeito meu assim... eu sô birrento, quando eu quero fazer alguma coisa eu tento até conseguir. Ai pensava: vou conseguir emprego, vou dar certo na cidade, não vou voltar. É como que se fosse uma vergonha ter que voltar para roça.

Os riscos de migrar e ser mal sucedido compensam a certeza da imobilidade social na localidade de origem, imobilidade esta que não significa apenas falta de emprego ou perspectivas profissionais, mas falta de acesso a serviços e bens públicos básicos. Esses benefícios, o trabalhador rural os percebe como vantagens na cidade: possibilidade de salários elevados, de assistência médica, de instrução, como descrito por Antonina Hobol.

Lá já não tinha gente pra trabalha também, só nós duas na casa e a minha doença, que acabou motivando também a mudança pra cidade, pra ficar mais perto do recurso, de ônibus, médico, exame. [...] nosso motivo, que nós saimo, mudemo de lá pra cá, foi pela doença, por minha doença, era médico, remédio, exame, consulta, e lá era um lugar difícil, né, lá não tinha nada, apenas ônibus uma vez ao dia, daí nós mudemo pra ficar mais fácil.

O que são, então, esses recursos? A palavra recurso tem um sentido amplo e refere-se, basicamente, à existência de indústrias e, como consequência, oportunidades de empregos. Ela também está relacionada à oferta de certos serviços públicos, como assistência médica, escolas e transportes, à presença de equipamentos urbanos como água, luz, esgoto, pavimentação e à existência de um comércio variado e rico.

Diante de um nível baixo de renda, intempéries ou a colheita que não rendeu, a única possibilidade de superar sua condição consiste em conseguir um emprego urbano. Nesse sentido, a migração para a cidade é mais vantajosa, pois o trabalhador encontra instituições que podem orientar o processo de sua ressocialização. Mesmo quando ele não se integra efetivamente nessas instituições (sindicatos, organizações assistenciais), dela se beneficia indiretamente através

das reivindicações de classe, o que favorece seu ajustamento, melhorando suas condições de vida e abrindo novas possibilidades de ascensão para as gerações subseqüentes.

Ao se referirem ao passado, os trabalhadores não remetem necessariamente a um marco cronológico, datado de forma precisa, mas para um tempo em que certas relações sociais existiam e em que a presença desta ou daquela era marcante. Geralmente, este tempo é aquele ligado ao trabalho - o que os permitia ficar na terra -, ou ao desemprego ou crise - o que os obrigava a sair. Segundo Seu Américo:

uma das grandes dificuldades que até hoje a gente pensa de se morar no faxinal era assistência médica, e estrada, chovia você doente não tinha nenhum veículo que viesse, pois as estradas não tinham condições não tinha cascalho não tinha nada, ficava doente, tinha minha avó que era doente, o pai as vezes levantava meia noite, com um cavalo bem encilhado, tinha aquela capa, chapéu pra não molha, e nestes 18, 30 km não encontrava nenhuma farmácia. Se encontrava fazia uma consultinha, contava o que o paciente tinha pra fazer um remédio, era uma grande dificuldade, parte financeira não foi tão difícil porque naquele tempo o que você produzia vendia e eu já vim mais ou menos de uma família estabelecida então não tinha muito problema, agora não tinha energia elétrica, não tinha estrada pra ocê vim quando chovia, mordida uma cobra venenosa, uma aranha, era difícil neste ponto. Então uma das questões que eu não fiquei lá, foi o motivo da terra, e outra eu era casado já tinha montado minha casa, e você pensando em fazer alguma coisa. [...]. Eu não cheguei a ter terra por falta de sorte, porque aquela época o falecido pai começou o cadastramento do Incra das terras e teve áreas de terra digamos que ele comprou 2 alqueires ali, 3 alqueires mais ali, depois mais 4, e mais tal, ali digamos 10 alqueires, daí ele cadastrou num cadastro só, depois ele quis passa pra mim digamos uns 5 alqueires daí viemo aqui no cartório o cartório, que aí o rapaz disse 'Olha, segundo o que nós temo aqui, tá cadastrado numa área só. Tem que passar a área toda'. Aí eu fiquei faceiro, 'agora vou ganhar 10 alqueire de terra!'. Mas o pai disse 'não, nós podia fazer se fosse pra dividir certo, agora um pegar tudo e outro ficar sem nada, não', daí não deu e como eu fiquei sem terra foi mais uma coisa que incentivou eu procurar o quadro urbano.

A saída é geralmente explicada por dificuldades econômicas, muito embora o peso maior repouse sobre a decisão da família em partir, ou ela decidir se alguém vai ou não sair, pois, apesar das crises econômicas por eles identificadas, existia uma margem relativamente autônoma de escolha: é possível esperar mais um pouco. A saída parece significar para estes faxinalenses uma opção às situações que são descritas como difíceis ou quase impossíveis de serem enfrentadas. Ir para a cidade surge como uma forma de resolver o problema vivido, como nos diz seu Américo:

Eu saí de lá foi em 73 e vim trabalhar no Rio do Couro que é ali perto [...]. Os outros foram saindo aos poucos, conforme iam casando, se separando do pai, a área de terra pouca pra trabalhar porque bastante dela era declive, parece que uns 11 alqueire que são bastante declive, então já pra produzir alimento era mais difícil e depois você trabalhava um ano naquela área, você tinha que espera três, quatro ano pra forma capuera de volta pra você pode retorna a trabalha ali, todo ano ela não dava. Na minha época, inclusive nessas áreas de terra dobrada você trabalhava no machado e na foice moto serra não existia, ai você chegava a engruvinha os dedo no cabo da ferramenta e pra você solta e abri tinha que fazer isso aqui ó, força!

Contudo, ao se esmiuçarem os detalhes desta avaliação positiva do processo de saída, detecta-se que ela se refere não apenas à resolução econômica das dificuldades de reprodução social do grupo familiar, mas também a motivações culturais que inviabilizariam a permanência no local de origem. Observamos, então, que as pessoas migram não só por causa do emprego, mas também por outras motivações, para “ver onde as coisas são feitas” e ter acesso a outras coisas que não só os empregos, como observam Seu Henrique e Dona Ana, respectivamente:

Na roça eu morei até 73, daí em diante comprei o caminhão daí fui trabalha mais toda vida trabalhando na lavoura memo, que eu vim pra cidade por causa do estudo da filha minha, não tinha onde ela fica, ela não queria fica no colégio interno, internada, daí nós saimo e viemo, mais eu sempre daqui da cidade ainda fazia roça, eu ia para no paió lá no rancho eu

cá minha patroa e assim nós lutava lá até que conseguimos se aposenta e tamo aí na cidade.

A terra era poca, a pi lazada tavão tudo crescendo e daí os mais velhos tiravam o primário e daí pra fazer o ginásio tinha que vim pra Irati, se não pra Prudentópolis, o Jeca foi estuda em Prudentópolis, daí eu disse ‘vamo embora pra cidade’, pra dá estudo pra eles, se nós não viesse eles tavão macetando lá na roça. Assim tão tudo graças a Deus bem, rico não, mais tem casa boa, tem carro, trabalham e tem os filho tão dando estudo pros filho.

A vinda de um migrante para a cidade corresponde a uma mudança fundamental no tipo de relações sociais e empregatícias, e, portanto, a passagem de um sistema socioeconômico a outro, para o qual, geralmente, ele não está preparado. É verdade que a natureza da atividade, o trabalho de campo, pode permanecer a mesma, num caso, e se alterar profundamente em outro, mas não é possível desprezar as transformações que decorrem dessa mudança de tipo de atividade. Exemplo disso pode ser o de um migrante que passa a exercer a atividade de jardineiro. Ele, mesmo tendo sido trabalhador rural, precisa passar por um processo de readequação de suas habilidades, adquirir visões sobre estética e técnicas. Eles não estão reproduzindo o trabalho que faziam na região de origem. De participantes em um trabalho familiar, realizado nas roças de subsistência das pequenas propriedades ou nas tarefas das fazendas, esses migrantes tiveram que urbanizar-se, como descrito por Seu Américo:

Quando a gente vinha de lá prá cá, do interior, de veis em quando tinha um sarinho, uma casquinha, a gente via nel! ‘Ó, o Jucão lá, o chapeuzão de paia lá’. Sempre tinha no começo. Era o Jucão, o Catirão, esses sempre tinha mais, geralmente quando você vinha prá cá comprá alguma coisa. Depois que tava [morando] aqui parece que não [...] já não teve mais problema. Inclusive acho que a gente mudava um poquinho também de jeito, porque você vai evoluindo, deixando as caipiraje (risos) do jeito de falá, de andá, de se vesti, de se comportá. Mudava o jeitão de ser, tudo.

Para as mulheres também ocorrem mudanças. Quando se transformam em empregadas domésticas, por exemplo, têm que incorporar novos padrões, de modo especial quando trabalham para famílias de classe média ou alta. Mas assim mesmo têm como base a experiência acumulada no passado, que é aprimorada e acertada em função de certas exigências urbanas e de classe. Há, portanto, a necessidade de aprofundar um processo geral de socialização ligado de modo particular à roupa, limpeza, cozinha e à sociabilidade, a fim de “urbanizar” a indumentária, o paladar, os padrões de higiene e as formas de conduta<sup>33</sup>.

Na cidade exige-se também um esforço pessoal de treinamento e aprendizado que possibilite a adaptação dos indivíduos ao novo meio social. A duração deste período, que pressupõe a aquisição de nova identidade e prerrogativas no meio citadino, é variável, pois depende de um conjunto de fatores de caráter socioeconômicos - capacidade de absorção do mercado de trabalho urbano, nível de qualificação técnica<sup>34</sup> do faxinalense - como nos conta Seu Américo:

[...] o pai e a mãe não queria que você saísse, mas como já tinha me prevenido com uns cursinho de máquina agrícola, o governo incentivava na época, através dos Clube 4S<sup>35</sup>, da Emater [Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural], e eu fui um dos convidado e fiz um curso de maquinário agrícola e gado leiteiro lá em Castrolândia. E daí como você já percebeu que não seria muito braçal, muito forçado o serviço, mais leviano, aí eu optei já que tinha pouca área de terra, vendo a facilidade que era pra trabalhar, uma terra diferente

<sup>33</sup> KOWARICK, Lúcio. “Usos e abusos: reflexões sobre as metamorfoses do trabalho” In HOGAN, Daniel. *Cidade: usos e abusos*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 15.

<sup>34</sup> MENEZES, Cláudia. *A mudança: análise da ideologia de um grupo de migrantes*. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 19.

<sup>35</sup> Através de Serviços de Extensão Rural, os governos orientavam rapazes e moças do meio rural a executarem projetos individuais e coletivos com base em atividades agropecuárias, indústria alimentar doméstica, lazer e outras de menos importância. A motivação para que os jovens aderissem ao programa era efetuada por meio da organização dos clubes 4-S (saber, sentir, servir, saúde), em que eram ensinadas as práticas do associativismo, da democracia, do uso de técnicas de trabalho, de produção e de comercialização dos produtos obtidos.

da nossa que era uma terra bruta, sem destoca então eu optei por isso, só que daí como eu fiquei um ano lá na fazenda do seu Guilherme Chipek aí eu também além de beneficiar o terreno deixar tudo cultivadinho, melhor, os filhos dele e a família já aprenderam a trabalhar, então ele me dispensou, aí foi que eu vim pra Irati. Fim de 73 e começo de 74, eu vim pra cá.

Dessa forma, devemos ter em mente as representações do rural e do urbano para os faxinalenses, nas diferentes fronteiras temporais: como ele percebe a cidade, espaço de mudanças, de reinvenção cultural e de pluralidades de identidades, e como a cidade vai percebendo e recebendo-o<sup>36</sup>.

Para muitos, o Faxinal é um lugar despovoado, isolado, silencioso e com pouco movimento. Esta situação, no entanto, se define em relação a algo que não é ele mesmo, mas à cidade, com a qual ele passa a ser comparado. O isolamento advém da distância que separa territorialmente o Faxinal da cidade, da falta de estradas, transporte e meios de comunicação.

Quando se tenta precisar em que consistem as dificuldades da vida rural, aparecem vários tipos de respostas, frequentemente conjugadas: a miséria e a falta de conforto, o trabalho duro, a incerteza da produção, a impossibilidade de melhorias. A esses aspectos negativos opõe-se a expectativa positiva das possibilidades que a vida urbana poderia propiciar. A existência de condições desfavoráveis no campo é pensada como melhoria do nível de vida na cidade, onde a inclusão em sistemas socioculturais mais amplos fornece termos de comparação com a situação anterior. Essa perspectiva é confirmada por Dona Ana Chuproski, ao afirmar que “[...] nesse sentido a saída melhorou por causa da possibilidade de se encontrar, por exemplo, recurso na cidade que seria o estudo. Então nesse caso veio a família toda”.

Em contrapartida, a cidade representa o oposto: é habitada, alegre, tem diversões e movimento. Na cidade, as ca-

---

<sup>36</sup> LUCENA, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes*. São Paulo: Arte e Ciência, 1999, p. 22.

sas são próximas umas das outras e existe vizinhança. Os indivíduos não se sentem abandonados. Com relação a este aspecto, os moradores costumam exemplificar que, em caso de doença, além de disporem de hospitais, têm a quem recorrer. À noite as pessoas podem sair e passear nas ruas, apreciar vitrines iluminadas, ouvir música, têm diversões como cinema, televisão e conversas nas casas dos conhecidos. Contudo, para Seu Américo, a situação foi outra.

Final de 73, começo de 74 eu vim pra cidade. O início aqui na cidade não fácil porque eu deixei a casinha lá no mato e vim pagar aluguel aqui. Acharo um parente aqui que cedeu um fundo de quintal pra nós faze uma casinha de madeira pra mulher pode ficar ali porque nós não tinha filhos e como que a mulher ia fica sozinha e eu trabalhando fora né, teve dificuldade ai, e bastante, e inclusive nesse meio depois que eu sai dessa empresa, aí nós ficamo desempregado [...] ai surgiu um serviço nessa olaria Santa Terezinha onde é o Parque Aquático hoje, daí eu trabalhei na Santa Terezinha, mais eu fiquei uns seis meses desempregado, o pai lá do sítio me ajudava, ai ele me mandava algum trocadinho de vez em quando e me arrumou um pouco de madeira pra mim construi essa casinha no fundo do quintal da irmã da minha mulher e os meus irmãos vieram construir a casinha pra mim e daí surgiu o serviço na olaria entrei na olaria e fiquei 6 meses bem certinho.

Outro elemento que muda de significado é o trabalho. Enquanto na roça existia uma dependência entre a atividade produtiva e os fenômenos da natureza, na cidade rompe-se inteiramente este tipo de relação: o migrante passa a manipular apenas elementos culturais, sem que haja em sua atividade nenhuma limitação ocasionada pela sucessão temporal de dias e noites. Frequentemente são obrigados a inverter o horário da atividade produtiva, trabalhando de noite e descansando de dia.

Na roça, o trabalho é representado como uma forma contínua de desgaste físico. Falar do trabalho agrícola é falar

do sol, da chuva, da lama, da friagem<sup>37</sup>. Enfim, da destruição do próprio corpo. A roça “rouba” a saúde das pessoas, que ficam sem possibilidade de recuperá-la, por não disporem de serviços médicos, por exemplo.

A cidade é sinônimo de trabalho leve, fácil, de conforto, de facilidades; a roça significava trabalho pesado, obrigando a grandes caminhadas sob o sol ou chuva, carregar peso, fazer força. É na cidade, também, que encontram proteção legal, acesso à saúde pública e possibilidades de educação para os filhos, condição que não existe no Faxinal a partir de determinada série. A mudança para o urbano tem, portanto, um significado de progresso para os migrantes, como podemos observar nas palavras de Seu Henrique.

Eu me criei no faxinal do Rio da Prata daí vim pro Serro da Ponte Alta mais é tudo junto, lá então nós se criemos era uma família grande nós era em 11 daí fomo trabalhando na lavoura, daí uns foram casando e foram dividindo uns prum lado otros pro otro mais tudo trabalhava na lavoura, daí quando foram se desenvolvendo, nós começemo compra caminhão, os filho mais velho, começemo a viaja pra fora aí começemo a desenvolve, começava trabalha ambulante, trabalhava na lavora e ao mesmo tempo com o caminhão vendendo a produção, ia pro norte, pra São Paulo.

Por isso a ida para a cidade possibilita uma sensação de melhora de vida, o que de fato aconteceu para muitos deles, pois o vislumbramento de resolver a situação anterior já vale a pena. Embora ocorra uma reação de acanhamento ao primeiro contato com a cidade, cujos tempos imperativos são outros, os faxinalenses decodificam e (re)elaboram estas circunstâncias impostas numa atitude que intercala fascínio e contrariedade, conformismo e resistência. Assim, os per-

---

<sup>37</sup> Para essas populações, o aumento da produção só pode ser visto como resultado de um aumento de quantidade de trabalho, e não da transformação da qualidade do trabalho: daí, então, a depreciação da escola, que não constitui um instrumento de melhoria de vida, desde que não há, na sociedade rural, posições favoráveis a serem ocupadas pelo trabalhador escolarizado (DURHAM, Eunice. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo, Perspectiva, 1984, p. 116).

cursos migratórios significam um alargamento de suas visões do mundo, em que, “*à medida que se defrontam, a todo o momento, com os limites impostos pela realidade pétrea, vão adquirindo o estofo, a fibra, a firmeza - características dos que pelejam pelos sonhos do futuro*”<sup>38</sup>.

Porém, na cidade, os faxinalenses têm que se submeter a uma organização do trabalho que lhes é estranha. As longas horas, o horário rígido, a cotidianidade do trabalho e o ritmo imposto não são dados familiares. Não é assim que trabalham e, o que é igualmente importante, não é assim que pensam o trabalho, que se relacionam com ele, não é este o lugar nem a dimensão do trabalho em suas vidas. No campo, a vida inclui o trabalho; na cidade, o trabalho engole a vida.

Ao entrar na fábrica ou no comércio, por exemplo, como trabalhadores assalariados, tudo se modifica: hábitos, rotina de vida, contagem do tempo. Não ocorre mais o ritmo do trabalho na roça, que começa com o nascer do dia e acaba com o pôr do sol; nem o das estações que marcam o tempo da sementeira e o da colheita. Na indústria pode-se vir a trabalhar à noite, e o corpo, acostumado a uma outra cadência, é presa fácil para a máquina. O tempo da indústria é o tempo marcado pelo relógio, pelo movimento das máquinas e pela exigência de produtividade a cada jornada<sup>39</sup>.

A migração equivale a uma nova socialização, pois a transferência para a cidade (na migração rural-urbana) - mesmo quando não implica a reformulação global de identidades - exige a aquisição de novos conhecimentos. Torna imprescindível a participação num processo produtivo, organizado em moldes diversos ao do meio rural, a reformulação de padrões de conduta, assim como o reescalonamento de valores relacionados a diferentes áreas de interação social. O migrante precisa urbanizar seus conhecimentos, interio-

<sup>38</sup> LOPES, José Carlos. *A voz do dono e o dono da voz: trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril*. São Paulo: Hucitec, 2000, p. 88, grifo no original.

<sup>39</sup> NEVES, Magda de Almeida. *Trabalho e cidadania: as trabalhadoras de Contagem*. Petrópolis: Vozes, 1994, 49.

rizando, entre outros, regras e valores de “distância” e “proximidade” social, fruto das relações interclasses imperantes na cidade<sup>40</sup>.

A cultura originária do migrante precisa ser readaptada à cidade, à fábrica, pois ele vai perdendo suas propriedades cognitivas originais com o passar do tempo. E mesmo que não as perdesse, de pouco adiantariam na nova configuração social. Da mesma forma, precisa desenvolver sua sagacidade e astúcia pessoal a fim de obter uma parcela do excedente. Além disso, e talvez o que é pior, precisa aprender a conviver com o preconceito, a discriminação e acusações as mais diversas. A chegada pode ser um momento de estranheza e sofrimento, mas que precisava ser enfrentado.

Nos primeiros dias na cidade, encontrar moradia e emprego significa o início do conhecimento das regras da cidade, apreender seus primeiros “carreros”, se familiarizar com uma realidade completamente nova: a cidade é um mundo a ser descoberto, desvendado, e quase todos contaram com inestimáveis auxílios nessa empreitada, como Seu Américo, quando ficou desempregado.

[...] eu fiquei uns seis meses desempregado, o pai lá do sítio me ajudava, ai ele me mandava algum trocadinho de vez em quando e me arrumou um pouco de madeira pra mim construi essa casinha no fundo do quintal da irmã da minha mulher e os meus irmãos vieram construir a casinha pra mim [...].

Na maioria dos casos, o faxinalense chega à cidade com as raízes partidas. Ao perder as referências, obriga-se a encontrar formas que lhe dêem o direito de pertencer a um grupo, para dar sentido à vida. O desaparecimento do antigo modo de vida lhe causa muito sofrimento<sup>41</sup>. Até alcançar sua adaptação - o que pode levar semanas ou anos - ele passa por um processo de transformação, entre o aprendizado na cidade e a saudade do Faxinal, dos amigos e familiares que

<sup>40</sup> KOWARICK, op. cit., p. 75.

<sup>41</sup> BOSI, Ecléa. “Cultura e desenraizamento” In BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992, p. 17.

deixou. A solidão, o medo de andar nas ruas, de perder-se, de ser enganado, de ser roubado o acompanha; uma angústia permanente para quem não estava acostumado com a cidade.

Sobre isso seu Américo nos conta que nos primeiros dias em Irati conviveu com o medo de não conseguir emprego e, portanto, não ter como sustentar a família.

No começo foi o medo, muito medo principalmente esse tempo que eu tava aqui na cidade, rapaz do céu, teve horas que você parava e pensava; voltar é feio, tenho vergonha não tem oque fazer lá. Tem mais, como é que eu vou voltar lá... [...] aqui já passando dificuldade, a esposa grávida da primeira filha, eu sem emprego, sem casa e sem comida, eu pensei comigo mesmo; eu sou o filho pródigo, lá na casa do meu pai tem tudo, água, energia, comida... no sítio tinha tudo isso e era de graça... e eu tô aqui (choro). Vô pra Curitiba? Volto pra lá? Fico aqui? É a nossa vida.

Quando se diz que, ao sair de seu lugar de origem, de sua terra natal, o migrante desenraiza-se, está-se fazendo alusão a essa referencialidade do território. E, mais do que isso, dado que este pertencimento ao lugar de origem institucionaliza-se pelas mãos do Estado sob a insígnia da naturalidade, abrem-se caminhos para desdobramentos ideológicos que convertem o migrante num sujeito desnaturalizado. A migração, legítima enquanto tentativa de solucionar uma situação de ameaça à sobrevivência, ideologiza-se enquanto um problema de disfunção. Reduz-se o migrante ao excedente populacional, às vezes no lugar de origem, às vezes no lugar de chegada, frequentemente em ambos<sup>42</sup>.

A opção pela migração é sempre a contingência de políticas econômicas; o indivíduo é “dessubjetivizado” num contexto de “crise” e instabilidades sociais. Mais do que atores genuínos, são *imaginários* em confronto que falam: de um lado, o Eldorado projetado (seja o mundo do consumo, do salário digno, das possibilidades profissionais, da integração à ordem hegemônica global - “o mundo que funciona”); de

---

<sup>42</sup> SOBRAL, op. cit., p. 19.

outro, o contexto da falta de perspectivas, das dificuldades estruturais, da subordinação e da marginalidade. Centro e periferia, integração e desintegração em confronto<sup>43</sup>.

No contexto da vinda para Irati, em que a situação das dificuldades das famílias são enfatizadas, a roça, o interior, o Faxinal, enfim, é um lugar inferior em termos de sobrevivência quando comparado com a cidade, que seria a solução para a crise pela qual passavam. Dessa forma, a existência de emprego, em tese pelo menos, salário em dia, saúde, escola são sempre mencionados como elementos favoráveis e valorizados na mudança.

A mudança do migrante nunca é estritamente geográfica. Sua trajetória implica mudanças internas profundas, no nível das representações, as quais emergem e ganham formas através de imagens de si e do outro. Muitas dessas imagens são construídas a partir da conjunção de fragmentos do discurso social que se forja a respeito de sua condição, de sua identidade. A identidade social e cultural não é um atributo fixo, imutável, mas construído, reconstruído, inventado e até mesmo manipulado; trata-se de um processo, de uma estratégia que agrupa, separa e dá sentido. Em muitos casos, a identidade é marcada inicialmente por um traço negativo, a partir de uma vivência comum de exclusão ou carência.

A ida para a cidade, a saída do local de origem é, para a maioria das pessoas envolvidas, uma transformação radical, e, em nenhum momento, essa transformação se apresenta de modo tão dramático ou tão completo como quando se dá a transferência de indivíduos e grupos das comunidades tradicionais para os centros urbanos, haja vista que o migrante vive e realiza de modo concentrado modificações nos padrões de comportamento e nas relações sociais que refletem, pela ação concreta dos sujeitos, as alterações que ocorrem na ordem estrutural de uma determinada sociedade<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> SILVEIRA, Fabrício. "A impressão da familiaridade - representações da imigração no jornal Folha de São Paulo" In DREHER, Martin N. et al. (Orgs.). *Imigração e imprensa*. Porto Alegre: Est/São Leopoldo, Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004, p. 381.

<sup>44</sup> DURHAM, op. cit., p. 8.

Nessa mudança, o migrante “perde” a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver. Suas múltiplas raízes se partem. Na cidade, a sua fala é chamada de “código restrito” pelos linguistas; seu jeito de viver, “carência cultural”; sua religião, “crendice ou folclore”<sup>45</sup>.

É este ambiente de movimentação constante que origina sua desterritorialização, que deve ser tratada, sobretudo, no que se refere à dimensão espacial da sociedade que corresponde à “luta dos homens contra a distância<sup>46</sup>”, distância que ao mesmo tempo *separa* as sociedades e *é um princípio de organização* de sua vida interior<sup>47</sup>. Entretanto, se ampliarmos essa definição, incorporando à dimensão espacial uma apropriação simbólico-cultural, veremos que a desterritorialização pode ser vista como desenraizamento no sentido de uma destruição física de fronteiras e um aumento da mobilidade, em sentido concreto, mas como aglomerados de exclusão, onde os indivíduos perdem seus laços com o território e passam a viver numa mobilidade e insegurança atroz, o que leva à exploração, desintegração e instabilidade<sup>48</sup>.

Migrar denota um processo de desterritorialização e, paralelamente, de desculturização. Ir para a cidade é, certamente, deixar para trás uma cultura herdada para se encontrar com outra, se defrontar com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha<sup>49</sup>. Contudo, ultrapassado um primeiro momento de espanto e atordoamento, o espírito alerta se refaz, reformulando a ideia de futuro a partir do entendimento da nova realidade que o cerca, buscando aprender o que nunca lhe

---

<sup>45</sup> BOSI, op. cit., p. 17.

<sup>46</sup> LÉVY, J. et al. *Le monde: espaces et systèmes*. Paris: Dalloz, 1992.

<sup>47</sup> HAESBAERT, Rogério. “Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão” In CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 168.

<sup>48</sup> Idem, p. 177.

<sup>49</sup> SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 6ª. ed., São Paulo: Studio Nobel, 2002, p. 62.

foi ensinado e, pouco a pouco, vai substituindo a sua ignorância do entorno por um novo conhecimento, ainda que fragmentário.

O fato de viverem um permanente processo de mudança e de adaptação é que vai permitir aos recém-chegados participarem como atores, e não apenas passivamente, deste novo quadro de vida. Desta forma, o novo ambiente opera como uma espécie de detonador, onde suas novas relações se manifestam dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura e mudando o homem.

Assim como a desterritorialização não é um processo exclusivo em termos geográficos, também os indivíduos, classes e grupos sociais incorporam, embora em níveis diferentes, uma perspectiva desterritorializante.

O conceito de desterritorialização, proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>50</sup>, foi desenvolvido para explicar a condição pós-moderna composta de intensa mobilidade, desenraizamento, encontros e fusões culturais.

Rogério Haesbaert<sup>51</sup>, defende que desterritorialização seja um termo utilizado não para o simples aumento da mobilidade, mas para a precarização territorial dos grupos subalternos, aqueles que vivenciam efetivamente (ao contrário dos grupos hegemônicos) uma perda de controle físico e de referências simbólicas sobre e a partir de seus territórios. Já que todo indivíduo não pode viver sem território, por mais precário e temporário que ele seja, desterritorialização pode se confundir, neste caso, com precarização territorial. Assim, haveria um sentido genérico de desterritorialização como destruição ou transformação de territórios (enquanto espaços ao mesmo tempo de dominação político-econômica e de apropriação simbólico-cultural), e um sentido mais es-

<sup>50</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix [1972]. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assirio e Alvim, 1995; DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix [1980]. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

<sup>51</sup> HAESBAERT, Rogério. "O mito da desterritorialização e as 'regiões-rede'" In *Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos*. Curitiba: AGB, 1994.

trito, vinculado à precarização territorial daqueles que perdem substancialmente os seus “controles” e/ou identidades territoriais.

*Território* é uma palavra que deriva do latim ‘terra’ e ‘torium’, significando terra pertencente a alguém. Pertencente, entretanto, não se vincula, necessariamente, à propriedade da terra, mas a sua apropriação<sup>52</sup>. O território é, então, o espaço territorializado, apropriado. É lugar de relações sociedade-natureza e homens-homens; em função disso, espaço de ação e de poder. A passagem do espaço ao território ocorre quando este é balizado, modificado, transformado por redes e fluxos que aí se instalam<sup>53</sup>.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos<sup>54</sup>.

Neste caso, podem-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. “Território e corporação: um exemplo” In SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia Aparecida de e SILVEIRA, Maria Laura. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994.

<sup>53</sup> RAFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

<sup>54</sup> GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 323.

<sup>55</sup> WOODWARD, op. cit., pp. 18-19.

Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e dos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas. [...]. A discussão sobre identidades sugere a emergência de novas posições e de novas identidades, produzidas, por exemplo, em circunstâncias econômicas e sociais cambiantes<sup>56</sup>, como no caso dos faxinalenses que vêm para Irati.

### **Fontes Orais utilizadas.**

**Américo Ribeiro dos Santos**, ex-morador do Faxinal do Cerro da Ponte Alta. Atualmente mora no Bairro Rio Bonito (Irati-PR). (Entrevista concedida aos autores Ancelmo Schörner e Rodrigo Stelmarsczuk em 09 de maio de 2008).

**Ana Chuproski**, ex-moradora do Faxinal do Cerro da Ponte Alta. Atualmente mora no Centro (Irati-PR). (Entrevista concedida aos autores em 06 de agosto de 2008).

**Antonina Hobol**, ex-moradora do Faxinal do Cerro da Ponte Alta. Atualmente mora no Bairro Alto da Glória (Irati-PR). (Entrevista concedida aos autores em 31 de julho de 2008).

**Henrique Krupek**, ex-morador do Faxinal do Cerro da Ponte Alta. Atualmente mora no Centro (Irati-PR). (Entrevista concedida aos autores Ancelmo Schörner e Rodrigo Stelmarsczuk em 07 de junho de 2008).

---

<sup>56</sup> WOODWARD, op. cit., p. 19.

## **Do faxinal à cidade: migração e desterritorialização - Irati/PR: 1970-1980.**

*Ancelmo Schörner*

**Resumo:** Este artigo trata do processo migratório (razões e motivações) pelos quais passaram diversos faxinalenses ao irem morar em Irati a partir dos anos 1970. Quando se diz que, ao sair de seu lugar de origem, o migrante desenraíza-se, está-se fazendo alusão a essa referencialidade do espaço, abrindo-se caminhos para desdobramentos ideológicos que convertem o migrante num sujeito desnaturalizado. Assim, se de um lado a migração apresenta um caráter de ressocialização, emancipando pessoal e politicamente o migrante, na medida em que destrói as relações arcaicas de trabalho e família, por outro também constitui fator de desagregação e exclusão social. A mudança do migrante nunca é estritamente geográfica. Sua trajetória implica mudanças internas profundas, no nível das representações, as quais emergem e ganham formas através de imagens de si e do outro. O trabalhador rural chega à cidade com as raízes partidas. Ao perder as referências, obriga-se a encontrar formas que lhe dêem o direito de pertencer a um grupo, para dar sentido à vida. Assim, migrar denota um processo de desterritorialização e, paralelamente, de desculturização. Ir para a cidade é, certamente, deixar para trás uma cultura herdada para se encontrar com outra, que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha. Isso se constata pela realização de quatro entrevistas com ex-faxinalenses - Américo Ribeiro dos Santos, Henrique Krupke, Ana Chuprosk e Antonina Hobol -, e são delas que tiramos os elementos que aqui são apresentados.

**Palavras-chave:** Faxinais; Desterritorialização; Cultura; Migração.

**Abstract:** This article deals with the migration process (reasons and motivations) which many Faxinal area born people went through to live in the city of Irati/PR in the 1970s. By saying that the migrants uproot themselves when

leaving their place of origin, it is made an allusion to such space reference, opening paths for ideological developments which convert the migrant in an expatriate subject. So if on the one hand the migration presents a character of resocialization, personal and politically emancipating the migrant, while destroying the archaic relations of work and family, it also means exclusion and social disintegration. The change in the migrant is not strictly geographical. Their trajectory implies profound internal changes, to the level of representations, which emerge and shape up through images of the migrants themselves and the others. The rural worker arrives in town with their roots apart. By losing their references, they force themselves to find the right ways to belong to a group, to give meaning to their lives. Thus, migrating denotes a process of dispossession and, in parallel, of deculturalization. Going to the city is, clearly, leaving behind a legacy of culture to meet another one, which they have not helped to create, of an unknown history and strange memory. By the moment this work was produced, four interviews had been conducted with former Faxinal born people - Americo Ribeiro dos Santos, Henrique Krupke, Ana Chuprosk and Antonina Hobol - being those the source for the elements to be shown here.

**Keywords:** Faxinal; Dispossession; Culture; Migration.

Recebido em 30/09/2008.

Aprovado 10/12/2009.